

LEGENDAS OFICIAIS VS. LEGENDAS POR FÃS: os limites das traduções apresentadas ao público

Camila Nunes Guedes Borges (IC) e Maurício Demichelli (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Diversos estudos apontam que um mesmo texto fonte pode ser traduzido de múltiplas maneiras, de acordo com o contexto social dos tradutores. A tradução também depende da compreensão do contexto social do texto original, assim esse ofício influencia as pessoas a contemplarem outras perspectivas, gerando conexões entre povos e culturas, pois ela nos ajuda a entender melhor os nativos de cada língua. Para esse artigo, a pesquisadora se apoiou nos Estudos da Tradução, na Tradução Audiovisual e nos Estudos Sociolinguísticos para responder a questão norteadora da pesquisa: até que ponto a interpretação pessoal do tradutor transparece na tradução. O presente trabalho analisa o texto traduzido por tradutores profissionais e traduções feitas por fãs, procurando compreender o porquê alguns telespectadores preferem as legendas amadoras. Se baseando na Cultura da Convergência de Henry Jenkins para compreender o fenômeno das *fansubs*, sem discutir o tema de legalidade, essa pesquisa considera as marcas deixadas por cada tradutor em suas legendas, as limitações que cada um enfrenta e os resultados finais da tradução, não com o intuito de eleger uma melhor em detrimento de outra, mas comparar sua compreensão das variantes linguísticas do texto original e escolhas de tradução apresentadas em forma de legenda para o público.

Palavras-chave: Tradução. Legendas. Fansub.

ABSTRACT

Several studies have point out that the same text can be translated in multiple ways - because translators interpret the original text according to their social context. Translation depends on one's comprehension of the original text's social context, so it can be said that translation can help people see other perspectives, which build bridges between cultures and nations, as it helps us understand better the points of view of native speakers. In this article, the researcher relied on the studies of Translation, Audiovisual Translation and Sociolinguistic to answer the guiding question of the research: to what extent the translator's personal interpretation leave it's mark in the translation. This paper analyzes the texts translated by professionals of the area and by fans, trying to understand why some viewers prefer amateur subtitles. This research relies on Henry Jenkins' Convergence Culture to understand the phenomenon of fansubs, without discussing the issue of legality. This paper takes in consideration the marks left by each translator in their subtitles, the limitations the

amateurs and the professionals face, and the final results of the translation, not in order to elect one over another, but to compare their views of the original text's linguistic variants and the choices in translation displayed as subtitles to the public.

Keywords: Translation. Subtitles. Fansub.

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto se propõe a analisar as diferenças entre as legendas feitas por fãs e as legendas de plataformas oficiais do programa de televisão *Young Sheldon*, exibida originalmente nos Estados Unidos pela emissora *CBS*, e no Brasil pelo canal por assinatura *Warner Channel* sob o nome de *O Jovem Sheldon*.

Esta pesquisa pretende comparar o resultado final de legendas realizadas por tradutores oficiais contratados versus *fansubs* - legendas amadoras feitas por seguidores da série – discutindo e analisando como um conhecimento prévio do universo no qual o seriado está inserido pode afetar a interpretação e, por consequência, a tradução.

Os canais de televisão brasileiros já importam há anos filmes e programas internacionais para o público brasileiro, mas por questões legais e burocráticas, essas emissoras não conseguiam passar os episódios ao mesmo tempo dos canais nativos e os fãs que não queriam esperar começaram a recorrer à internet para acompanhar o ritmo da temporada exibida pelas emissoras originárias, e, os que tinham as habilidades para isso, a traduzir para os outros seguidores.

Atualmente, algumas emissoras transmitem episódios de séries sincronicamente no Brasil e nos países onde foram produzidos e exibidos originalmente, como, por exemplo, o seriado *Game Of Thrones* do canal a cabo *HBO*, e serviços de *streaming* como a *Netflix* liberam todos os capítulos de suas séries originais simultaneamente em todos os países em que o serviço está disponível. Esses novos métodos, porém, não impediram a disseminação das legendas feitas por seguidores.

O fenômeno de legendas feitas pelos próprios seguidores de séries e filmes acompanha o processo da globalização. A criação de *fansubs* começou na década de 80 nos Estados Unidos, produzidas por e para fãs de animes japoneses não disponíveis em inglês. Com o crescimento e a popularização tecnológica, a novidade foi se espalhando para outros tipos de entretenimento e para outros idiomas.

Com diversos grupos diferentes fazendo legendas, a maioria é disponibilizada em seus próprios sites e perfis no Facebook e no Twitter, mas também no site *legendas.tv*, que funciona como banco de dados, em que é disponibilizado legendas para filmes e séries feitas por várias equipes diferentes.

Young Sheldon é um *spin-off*, ou seja, um trabalho derivado, de *The Big Bang Theory*, seriado do canal estadunidense *CBS*, e exibido no Brasil sob o título de *A Teoria do Big Bang* pelas emissoras *SBT* e *Warner Bros*.

A história se passa antes dos eventos de *The Big Bang Theory*, mostrando um de seus personagens protagonistas em sua infância no Texas no ano de 1989. Apesar de se tratar de uma prequela da série original, *Young Sheldon* apresenta muitas referências a *The Big Bang Theory* em forma de piadas e por ser narrada pelo protagonista – no caso, Sheldon – como se fossem suas memórias. Portanto, a série apresenta um narrador onisciente que trabalha apenas como observador de suas lembranças da infância. O próprio ator que interpreta Sheldon (Jim Parsons) em *The Big Bang Theory* dá a voz ao Sheldon-narrador em *Young Sheldon*.

Desde o século XIX – com a hipótese de Sapir-Whorf, de 1930, que discute sobre a relação da estrutura da língua que falamos com nossas ideias (MACHADO, 2015) - existem estudos argumentando que o conhecimento de outros idiomas molda a maneira dos falantes de pensar pois a linguagem influencia a maneira que vemos tempo, espaço, gênero, casualidade e relações. O texto original, no caso dessa análise, o script da série, tem como público-alvo pessoas que falam a mesma língua dos autores e com eles compartilham das mesmas contingências culturais.

O presente projeto se dispõe a comparar as diferenças entre os processos de interpretação para tradução e o resultado final das legendas do primeiro episódio do seriado *Young Sheldon* pelo grupo *TecSubs* com o auxílio da equipe *Li4rs* e pela plataforma de *streaming* Globoplay providas pela empresa Dispositiva Traduções Audiovisuais, ambas equipes, de fãs e oficiais, creditadas no fim de cada episódio.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O material bibliográfico dessa pesquisa apoia-se no tripé dos Estudos da Tradução (CORRÊA, 1991; VIEIRA, 1996; SAMPAIO, 2009; CAMPOS, 1986; ARROJO, 2007), da Tradução Audiovisual (CINTAS e SANCHEZ, 2006; AGOST, 1999; MAYORAL-ASENSIO, 2001) e dos Estudos Sociolinguísticos (HILGERT, 2011; JENKINS, 2012).

Para uma definição mais aprofundada da tradução, o livro *Teorizando e Contextualizando a Tradução* (1996), nos explica que “esse estudo vai além da gramática e do léxico, permitindo enxergar o ‘gênio’ ou as peculiaridades da língua estrangeira e, através delas, aquelas da língua materna”. (VIEIRA, 1996).

Baseando-se nessa ideia, podemos entender que a tradução cria pontes entre pessoas, unindo povos e aproximando culturas, pois ela nos ajuda a entender melhor os nativos de cada língua.

Segundo Cordeiro (2009), no Brasil um marco importante para as traduções foi a obra *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil* do padre jesuíta José de Anchieta, publicada em Portugal em 1595, explicando a gramática do idioma tupi para os

portugueses. Anos depois, a primeira aparição de algo parecido com as legendas que conhecemos hoje, foi na exibição do filme *Anjo Pecador* (*The Shopworn Angel* de Richard Wallace) em 1929, na qual foi entregue aos telespectadores papéis com os diálogos escritos em português para eles acompanharem o que os atores falavam em inglês. (LUNA FREIRE, 2015)

Para o nosso mundo tecnológico, o exemplo anterior pode parecer uma coisa extremamente simples, quando na verdade, nada mais é do que o fenômeno tradução, isto é, “fazer passar, de uma língua para outra, um texto escrito na primeira delas.” (CAMPOS, 1986)

Mas há um fator que se sobrepõe as traduções livres e que é o objeto de estudo dessa pesquisa: a interpretação do texto na língua fonte e a escolha do melhor equivalente levando em conta contextos e meios inseridos do público-alvo na língua-meta.

Na verdade, é inevitável que o tradutor “seja mediado por suas circunstâncias, suas concepções, seu contexto histórico e social” (ARROJO, 5ªed., 2007).

Por mais que a função do tradutor seja conseguir expressar a verdade do texto da língua de origem para a língua-alvo, ele é um irremediavelmente um intérprete, e quanto mais interprete ele for, mais ele se focará na equivalência textual e correspondência formal, indispensáveis para uma boa tradução

[...] uma boa tradução deve atender tanto ao conteúdo quanto à forma do original, pois a equivalência textual é uma questão de conteúdo, e a correspondência formal, como o nome está dizendo, é uma questão de forma.

A “correspondência formal” quer dizer que a forma do texto original deve ser seguida pelo tradutor com a máxima fidelidade possível, muito embora em alguns casos essa fidelidade se reduza ao mínimo. (CAMPOS, 1987, p.48)

Considerando que o roteiro da série *Young Sheldon*, objeto de estudo nessa pesquisa, pertence a modalidade de tradução escrita para ser falada - uma vez que é um caso de tradução em que tanto o texto-fonte como o meta pertencem ao meio escrito – ele possui sua própria convenção de funcionamento textual: a tradução audiovisual.

O script, apesar de contar com o auxílio de um narrador, o personagem título mais velho, tenta reproduzir conversações do dia a dia, com “a alternância de turnos, a negociação aqui e agora da melhor formulação, certas repetições e paráfrases, interrupções sintáticas, recomeços, hesitações e outras similares, que são características inerentes a uma enunciação em que os interlocutores enunciam face a face, isto é, em que tempo e espaço de produção e recepção coincidem.” (HILGERT, 2011)

Em a obra *Traducción y doblaje: palabras, voces e imágenes*, Agost diz “Há diferentes variedades de tradução no campo dos estudos tradutórios, que permitem diferenciar, por exemplo, tradução literária, musical, publicitária, audiovisual” (AGOST, 1999)

A tradução audiovisual é a tradução destinada ao cinema, à televisão, ao vídeo e à multimídia, de textos audiovisuais – como filmes, séries, documentários –, e é feita em quatro modalidades básicas: a dublagem, a legendagem, as vozes superpostas e, mais raramente, a interpretação simultânea. (AGOST, 1999, apud REBOLLO-COUTO, SILVA E SILVA, 2017, p.276)

A tradução audiovisual existe como prática profissional há muitos anos mas, foi a partir dos anos 90, que ganhou uma grande visibilidade como resultado da proliferação e a distribuição de materiais audiovisuais em nossa sociedade (DÍAZ-CINTAS, 2008).

Este trabalho foca, dentre os tipos de tradução audiovisual, na legendagem, que “consiste em incorporar na tela um texto escrito que é uma versão condensada no texto alvo do que é escutado na tela” (CHIARO, 2009)

Na motivação de entender melhor os tradutores das legendas amadoras e para uma compreensão mais profunda do funcionamento de um time de *fansubs* e de suas funções, foram realizadas entrevistas, nas quais foram concedidas à pesquisadora desse projeto maiores explicações, via e-mail, pelos grupos de legenda *CreppySubs*, *AceSubs* e mais uma comunidade que preferiu não ter seu nome citado.

A hierarquia não difere muito entre os grupos: há um corpo de moderação composta pelos administradores, abaixo estão os revisores e depois os *legenders*, todos necessitando de possuir domínio da língua portuguesa e inglesa como pré-requisito.

Os administradores organizam a equipe, decidem o que será legendado e delegam aos revisores, acompanham o andamento das legendas, cuidam dos processos seletivos de novos membros e geralmente agem na função de treinadores de novos *legenders*.

Os revisores são responsáveis pelo andamento dos projetos de cada equipe e são os responsáveis pelos padrões de legenda, isto é, depois que a legenda está finalizada são eles quem corrigem quaisquer erros e sincronizam o texto com a cena, um trabalho mais complicado do que parece, pois a legenda precisa começar 200ms antes da fala do personagem e terminar 300ms depois que acaba. Além disso existem outras dificuldades, como o processo de *spotting*, que consiste na quebra de frases para as legendas, pois elas não podem passar de 32 caracteres por linha e precisam ser quebradas de forma que elas não percam o sentido e nem fiquem difíceis de acompanhar, por isso a quebra acontece

depois de vírgulas, pontos finais, e em alguns casos especiais depois do sujeito, nunca podendo quebrar após preposições.

Depois, na estrutura da escala, aparecem os *legenders*, que fazem o trabalho de tradução a partir do material original, com prazos de entrega por volta de uma semana para filmes e para séries de um dia a três após o lançamento do episódio em seu país de origem.

Um dos membros do time que requisitou não ter seu nome mencionado, conta que o grupo começou há dez anos atrás com o intuito de aproximar os fãs do conteúdo que demorava para chegar no Brasil. O integrante do *AceSubs*, que falou pela equipe, acrescenta a essa declaração dizendo que cada *legender* começou por um motivo diferente: seja para melhorar o inglês, para ajudar aqueles que dependem das legendas, para ganhar experiência e tentar entrar no mercado profissional de tradução, ou porque uma série querida estava abandonada.

Benefícios à parte, os grupos e seus membros não recebem nenhum retorno financeiro. O associado ao *AceSubs* conta: “Muitos acham que ganhamos por isso e outros ficam surpresos quando descobrem que fazemos sem ganhar nada. É um hobby que não é fácil”.

Henry Jenkins discorre de fenômenos como as *fansubs* em seu livro *Cultura da Convergência*. Uma das definições de Jenkins para a sua cultura de convergência é

Onde as velhas e novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. (JENKINS, 2012, p.29)

A *fansub* é um ótimo exemplo do poder do consumidor. Segundo Jenkins “A realidade é dual: de um lado a postura proibitiva tenta impedir participação não autorizada; do outro as cooperativas querem conquistar para si criadores alternativos” (JENKINS, 2012). Convidando os fãs para fazerem parte de uma obra, pode acontecer de eles tomarem posse de uma parte não autorizada da criação.

“Somos apenas fãs dispostos a fazer um esforço maior para que muitas séries e filmes que demorariam mais para chegar aqui estejam ao alcance de outros fãs”, completa o porta-voz do grupo não identificado.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa não tem como objetivo alcançar a resposta de qual tipo de tradução é melhor, a *fansub* ou a oficial, e sim entender o processo desses fenômenos.

O plano de pesquisa considerou o primeiro episódio, chamado de *Pilot*, ou Piloto em português, de *Young Sheldon* na plataforma de *streaming* oficial Globoplay e na multiplataforma livre *Popcorn Time*.

Em primeiro lugar, foi analisado o áudio original. Em seguida foram comparadas as traduções oficiais da Globoplay feitas pela Dispositiva Traduções Audiovisuais com as *fansubs* proporcionadas pelo grupo *TecSubs* com a ajuda do time *Li4rs* na *Popcorn Time* e as diferenças de interpretações por trás de suas escolhas.

Também foram feitas conferências via e-mail com três grupos de *fansub* para maior compreensão de seus processos de legendagem e funcionamento de seus. Os grupos entrevistados foram a *CreppySubs*, a *AceSubs* e um terceiro time que preferiu não ser identificado.

Para a análise, foi feita a escolha da utilização de tabelas como instrumento de pesquisa nas quais se encontram algumas falas de personagens no episódio piloto considerados os que mais representam o tema da pesquisa, escolhidos pela oralidade do áudio original e pelas escolhas de tradução. De quinze ocorrências, foram selecionados seis fragmentos que foram despostos em seis tabelas, como a do exemplo a seguir:

Tempo: O minuto e o segundo em que o texto analisado começa.	
Contexto: Momento situacional em que o personagem se encontra.	
Audio Original	Fala de um ou mais personagens em inglês.
Legenda <u>Globoplay</u>	Tradução da plataforma oficial pela Dispositiva Traduções Audiovisuais.
<u>Fansub</u>	Legendas do grupo <u>TecSubs</u> com o auxílio da equipe <u>Li4rs</u>

As personagens que tem seus discursos analisados são: a) Sheldon, o personagem título da série; b) O narrador, Sheldon na idade adulta; c) Mary, mãe de Sheldon; d) Georgie, irmão mais velho de Sheldon; e) Missy, irmã gêmea de Sheldon; f) Billy, vizinho e colega de classe de Sheldon;

A pesquisa bibliográfica utilizada na análise do objeto foi feita por meio de leituras de livros, manuais de linguística, dicionários, revistas etc. a fim de ter embasamento teórico

para uma abordagem analítica procurando entender a inserção de uma determinada visão de mundo dentro da interpretação e, por conseguinte, da tradução.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A questão que norteia esse trabalho é buscar compreender, a partir de dois diferentes processos de tradução, até que ponto a interpretação do tradutor é anônima. Tratando especificamente da série *Young Sheldon*, essa pesquisa questiona se as legendas amadoras podem ser consideradas como um espaço de intervenção do tradutor. Para responder a essa questão, se faz necessário analisar como os modos de interpretação do tradutor repercutem no processo de construção das legendas.

Em *O Que É Tradução?* Campos (1987) fala sobre “equivalência textual” que tem como objetivo transmitir ao seu leitor uma informação semelhante à que o texto original transmitiu ao seu primeiro leitor, em sua língua de origem.

No primeiro exemplo vemos o narrador falar do *Mid-Atlantic accent* - podendo ser traduzido literalmente como sotaque do meio atlântico – que é definido pelo *Longman Dictionary of Contemporary English* como “uma maneira de falar que mistura sons e palavras do inglês americano e o britânico.” O *Urban Dictionary* complementa que “um *Mid-Atlantic accent* é desenvolvido especificamente para parecer neutro entre os sotaques americanos e britânicos. Tais sotaques costumavam ser comuns entre as classes sociais altas de muitas cidades no leste da América do Norte”.

Em uma matéria da jornalista Jessica Sinn para o jornal texano *UTNews* em 2012, o linguista Lars Hinrichs diz que graças a tecnologia as pessoas tem acesso a recursos que os ensinam a um falar inglês sem dialetos e que em certos ambientes, como de trabalho ou de estudos, o inglês texano é deixado de lado pelos seus falantes para fugirem de um estereótipo de que texanos são ignorantes (SINN, 2012). Entendendo esse contexto da escolha de sotaque do personagem pode-se criar uma equivalência textual para a língua-meta.

Tempo: 02 minutos e 15 segundos	
Contexto: Em um jantar com a sua família, todos usando o seu sotaque natural do sul dos Estados Unidos, Sheldon adulto, o narrador, explica porque é o único da família com outro sotaque.	
Áudio Original	Georgie: Can we at least have tater tots tomorrow? Narrador: It was family dinners like this that led me to adopt a mid-Atlantic accent. Nobel Prize winners ought not be orderin' tater tots.
Legenda Globoplay	Georgie: Podemos ter bolinho amanhã? Narrador: Foram jantares familiares como este que me levaram a

	adotar um sotaque levemente britânico. Ganhadores do Prêmio Nobel não devem pedir bolinho.
Fansub	Georgie: Podemos ter batatinhas amanhã? Narrador: Foram jantares familiares como este que me levaram a adotar um sotaque mais culto. Nenhum ganhador do Prêmio Nobel comeria “batatinhas”.

A *fansub* opta pelo uso de “batatinhas” no diminutivo para justificar a escolha do narrador de optar por um “sotaque mais culto”, sem explicitar qual seria esse sotaque. A legenda oficial escolhe a tradução “sotaque levemente britânico”, remetendo ao estereótipo de que os ingleses são refinados.

Nesse caso, ambas as legendas sofrem com o apagamento de traços típicos da fala no processo tradutório de uma variação diatópica: “*tater tots*” são mini bolinhos de batata, feitos com batata ralada e fritos em forma de um cilindro. A expressão é marca registrada da marca *Oreida*, mas é utilizada de forma geral para designar esse petisco, segundo o blog *Inglês Gourmet*.

No exemplo, a equivalência parcial textual de significado foi a estratégia utilizada pelos tradutores considerando a sobreposição do conteúdo sobre a forma. O apagamento da metonímia *tater tots* no processo tradutório resulta no apagamento de aspectos da cultura e condição social dos personagens, uma vez que cultura, língua e identidade estão intrinsecamente relacionadas e que, então, esses fatores são essenciais para a caracterização cultural e socioeconômica dos personagens.

Tempo: 20 minutos e 15 segundos	
Contexto: No começo do episódio, Sheldon coloca luvas na prece antes do jantar para não dar a mão a seu irmão. No fim do mesmo, Sheldon adulto conta que continuou com esse hábito por muitos anos.	
Áudio Original	Narrador: I wouldn't touch my brother's hand until 17 years later, thanks to the invention of Purell.
Legenda Globoplay	Narrador: Eu só tocaria a mão do irmão 17 anos depois, graças à invenção da Purell.
Fansub	Narrador: Eu não toquei a mão do meu irmão até 17 anos depois graças à invenção do álcool em gel.

No trecho anterior, outro caso de metonímia, observa-se que as escolhas de tradução foram invertidas: a tradução oficial optou por usar o nome da marca de álcool antisséptico em gel, *Purell*, assim como o texto na língua-fonte. Embora essa marca seja fabricada no

Brasil, ela não é tão conhecida como é nos Estados Unidos para o produto ser associado imediatamente com o nome, mas, mesmo assim, a audiência consegue intuir o sentido da frase.

Como Arrojo aborda que “um mesmo texto original pode ser traduzido de diferentes maneiras se levarmos em conta que o contexto social e histórico do público-alvo e como o contexto em que ele foi escrito pode ser difícil de ser resgatado, já que podem ser universos e visões diferentes entre autor e tradutor.” (ARROJO, 5ªed., 2007)

Arrojo defende que o tradutor é um interprete e o conteúdo deve prevalecer a forma. Aplicando na prática, os *legenders* amadores concluíram que a metonímia que faz sentido para o público estadunidense não despertaria o mesmo sentido para os brasileiros, portanto, cabe ao tradutor a tomar a decisão de como irá abordar o conceito a ser traduzido, já que ele tem o poder e, no caso das *fansubs*, a liberdade de interpretar da forma dele.

Tempo: 04 minutos e 47 segundos	
Contexto: Mary, mãe de Sheldon, briga com uma mulher durante o culto da igreja.	
Áudio Original	Mary: Now, turn before I knock your lights out.
Legenda Globoplay	Mary: Agora vire-se antes que eu apague suas luzes!
Fansub	Mary: Agora, vire pra frente antes que eu te nocauteie.

Nos próximos dois exemplos a legenda para a Globoplay preferiu traduções mais literais ao invés de equivalências textuais. Nesses casos, essa opção não afeta muito na compreensão da audiência brasileira:

A expressão “*knock your lights out*”, segundo o dicionário *Reverso Context*, tem como significado literal “baterei em você e verá estrelas” e também “apagar suas luzes”, que foi a opção escolhida pela legenda oficial. Apesar de não ser uma expressão comum ao telespectador, é possível entender pelo contexto da cena o que “apagar suas luzes” significa.

Por representar uma conversação coloquial, a adição dos traços conversacionais somados aos traços situacionais marca um tom informal e espontâneo. O que pode justificar a escolha da *fansub*, que preferiu uma palavra com o mesmo significado de “*knock your lights out*” e mais costumeira no vernáculo popular brasileiro: nocautear.

Esse exemplo trata de uma questão linguística que acaba se tornando um desafio para os tradutores, que devem trabalhar dentro das limitações da técnica, não podendo recorrer a notas de rodapé ou acréscimos explicativos, já que o espaço da legenda deve obedecer ao

número máximo determinado de caracteres na tela (sendo o texto de uma ou duas linhas), geralmente contando inclusive com espaçamento e pontuação.

Em seguida, os papéis se invertem: a *fansub* que elege a tradução literal, enquanto a legenda oficial escolhe uma equivalência textual. Enfatizando ainda que nesses três casos essas opções não afetam a compreensão do público.

Tempo: 18 minutos e 28 segundos	
Contexto: Sheldon conta para o seu pai os exemplos de quebra do código de vestimenta dos alunos.	
Audio Original	Sheldon: I saw one boy with a T-shirt that said... "Bite me."
Legenda Globoplay	Sheldon: Vi um menino com uma camiseta que dizia: "Dane-se."
Fansub	Sheldon: Vi um menino com uma camiseta que dizia... "Me Morda".

Vale ressaltar para a análise desse exemplo que para ser fidedigno a conversas reais, o script precisa recorrer a efeitos de sentido de oralidade no texto. Em *A oralidade em textos escritos: reflexões à luz de uma teoria de texto*, Hilgert discorre que "Quando se fala em oralidade em textos escritos, faz-se referência, na verdade, a efeitos de sentido de oralidade produzidos pelo uso de certos recursos de linguagem na construção do texto." (HILGERT, 2011)

Percebe-se na fala de Sheldon no trecho acima o que Hilgert quis dizer no uso de reticências para produzir o sentido de oralidade de hesitação que será acrescentado pelo ator na filmagem. Esse recurso de linguagem e outros são características inerentes a uma enunciação em que os interlocutores enunciam face a face, isto é, em que tempo e espaço de produção e recepção coincidem." (HILGERT, 2011)

Leibold diz que para uma boa tradução humorística é preciso a

[...]decodificação de um discurso humorístico em seu contexto original, sua transferência para um ambiente diferente e, muitas vezes, discrepante em termos linguísticos e culturais e sua reformulação em um novo enunciado que tenha sucesso na recaptura da intenção da mensagem humorística original, suscitando no público-alvo uma reação de prazer e divertimento equivalentes", (LEIBOLD, 1989, p.110)

No exemplo a seguir é possível ver o que Leibold disse efetivamente:

Tempo: 06 minutos e 01 segundos
--

Contexto: Sheldon fala para o seu vizinho, um colega de classe, que vai para o colegial.	
Audio Original	Sheldon: You're going to have to find someone else to torment on the playground. Billy: "Torment"? Sheldon: It means to maliciously harass. Billy: "Her ass"? That's funny.
Legenda Globoplay	Sheldon: Você terá que procurar outra pessoa para atormentar no playground. Billy: "Atormentar"? Sheldon: Quer dizer agastar maliciosamente. Billy: "A gás?" Que engraçado!
Fansub	Sheldon: Terá de encontrar outra pessoa para atormentar no parquinho. Billy: "Atormentar"? Sheldon: Significa encher o saco. Billy: "Seu saco"? Isso foi engraçado.

Na tradução profissional é possível perceber que procuram passar a mensagem principal, mesmo que haja perda de conteúdo. Já os *legenders* tentam, em geral, ser a fiéis ao significado do script nesse caso, evocando a mensagem humorística original.

Aqui vemos o jogo de palavras de "*Harass*" para "*Her ass*", no dicionário online de *Cambridge* "*Harass*" tem o significado de "acossar, atormentar" e "*Her ass*" pode ser literalmente traduzido como "a bunda dela". Ambos tradutores oficiais e fãs sabiam que essas traduções juntas perderiam o humor, já que o trocadilho que funciona no idioma original não tem uma tradução equivalente no português que cause o mesmo sentido de humor.

Na tentativa de não se afastar do sentido original, os tradutores então optaram por "agastar" e "encher o saco", respectivamente, que não só fazem sentido com o contexto da conversa, mas que também poderiam ser usadas em novos jogos de palavras, com 'Agastar' e "A gás" e "Encher o saco" com "Seu saco".

Outro ponto a ser levado em consideração na tradução do trocadilho é, como estabelece Koglin (2008), a interpretação simultânea de humor que demanda do profissional pensamento rápido e espirituoso, a fim de encontrar soluções humorísticas na língua de chegada para ser razoavelmente bem-sucedido na interpretação de humor.

Koglin ainda afirma que termos de baixo calão, como “*her ass*” nem sempre são aceitos pela sociedade, e isto é ainda pior quando se trata da escrita: “Em função disso, o legendador precisa pensar em uma maneira de traduzir de modo que o enunciado pareça oral, mas que, ao mesmo tempo, não despreze as regras da escrita”. (KOGLIN, 2008)

Acredita-se que, por isso, a tendência na legendagem é a amenização das palavras de baixo calão, logo, na legenda oficial apresentada pela Globoplay, os palavrões sejam amenizados quando traduzidos para o código escrito.

Naturalmente, isso não é uma regra na legenda amadora: a *fansub* tem a liberdade de usar termos mais chulos, assim como ela pode utilizar-se de palavrões com mais facilidade, sem ter que preocupar-se com a classificação indicativa, como no exemplo abaixo:

Tempo: 02 minutos e 42 segundos	
Contexto: Missy fala sobre a ida de Sheldon para o colegial.	
Áudio Original	Missy: You're going to get your ass kicked in high school.
Legenda Globoplay	Missy: Vai levar pontapé no bumbum no ensino médio.
Fansub	Missy: Vão foder com você no ensino médio.

Nas legendas de “*get your ass kicked*” foram feitas escolhas muito distintas. Enquanto o tradutor oficial optou por “pontapé no bumbum” a amadora preferiu o termo de baixo calão. Segundo o dicionário *Reservo Context*, as paridades em português do termo em análise são “levar uma surra” e, no sentido mais literal, “ter sua bunda chutada”.

A escolha da legenda oficial pode ser justificada, também, pelo fato da personagem Missy ser uma criança de nove anos e a expressão “levar um pontapé no bumbum” é mais infantil. Vale considerar que *Young Sheldon* é classificado como impróprio por menores de 12 anos pela Globoplay, sendo a idade um fator decisivo para a amenização dos palavrões na tradução. Em contramão, a opção de tradução na *fansub* provavelmente deve-se ao cuidado com o texto para não descaracterizar a personagem de Missy - sendo o uso de palavrões uma marca da personagem.

A omissão de expressões chulas ou palavrões em legendas comerciais é discutido de forma recorrente por fãs de séries de TVs e cinema e já foi pautada pela mídia na reportagem *Danem-se Bastardos* de Gustavo Miller, publicada em O Estado de S. Paulo em 2008. O autor discute a maior liberdade das traduções amadoras: “não precisamos censurar e medir o que é escrito como acontece na TV. O intuito é ser fiel ao personagem e não descaracterizá-lo”. (MILLER, 2008)

Reforçando que não é o objetivo deste artigo julgar as opções dos tradutores e nem eleger um tipo de legenda como melhor, mas comparar as distinções e as motivações por trás dessas escolhas e analisando como diferentes perspectivas oferecem traduções individualizadas para a audiência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou compreender, a partir de dois diferentes estilos de tradução, como as interpretações do tradutor repercutem no processo de construção das legendas da série analisada.

Young Sheldon possui muitos critérios que precisam ser levados em consideração para uma legenda com tradução coerente. Esses elementos se apresentam principalmente pelo contexto regional (Texas), histórico (década de 80) e pelos termos técnicos encontrados no script, que apresentam para os tradutores do inglês para português outros obstáculos além dos já conhecidos com as expressões idiomáticas.

Por ser uma prequela de *The Big Bang Theory* explica ao favoritismo de alguns pelas *fansubs* ao invés das legendas oficiais justamente pelo conhecimento das referências culturais que seus *legenders* possuem de antemão por serem seguidores de *The Big Bang Theory*, apesar de essa familiaridade anterior não ser necessária para a compreensão do programa, sendo apenas uma complementação que agrada os seguidores da série originária.

Nas análises, procurou-se identificar as diferentes escolhas lexicais presente nos diálogos das cenas, com o intuito de reconhecer os sentidos selecionados pelo tradutor das legendas e discutir se esses sentidos foram orientados pela literalidade ou se pela adequação entre as línguas no momento da enunciação. Após as análises, verificou-se que os *legenders* de *fansub* possuem uma liberdade criativa maior nas suas traduções.

Por saberem previamente como é estilo de escrita dos encarregados pelo roteiro, os tradutores amadores já notam os padrões comuns usados por tais, sabem quais referências são usuais, a natureza das piadas e a personalidade dos personagens. Percebe-se que esse conhecimento enviesou suas escolhas de tradução.

Arrojo aponta que “É impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido.” (ARROJO, 2007) Ou seja, a tradução é um trabalho de reescritura.

As legendas oficiais contam com tradutores profissionais que possuem, se não conhecimento anterior da série original, maiores faculdades da língua-fonte e língua-meta

pelos seus estudos e trabalhos prévios. É aparente que o público-alvo da plataforma oficial é mais abrangente, pois busca atrair mais audiência do que apenas agradar os fãs já consolidados, fator que não altera a sua qualidade, apresentando, também, uma competente tradução ao público.

Lembrando que a tradução tem a intenção de levar novas informações para a audiência e o objetivo mais importante é repassar o texto fonte de maneira que a mensagem original não seja perdida, levando em consideração que uma tradução totalmente idêntica é utópica.

6. REFERÊNCIAS

- AGOST, Rosa. **Traducción y doblaje**: palabras, voces e imágenes. Barcelona: Ariel, 1999.
- ALKMIM, T. M. Sociolinguística: parte 1. *In*: INTRODUÇÃO à Linguística: domínios e fronteiras, v.1. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANTUNES, Cristina. Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil. **Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin**, [201-?]. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/node/70>>. Acesso: 23 mar. 2018
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução**: A Teoria na Prática. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BARZOTTO, L.A. A tradução literária tecendo sua própria história. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**, Maringá, v. 29, n. 1, p. 41-50, 30 jul. 2007. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/135/62>>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- BORODITSKY, Lera. Como a Linguagem Modela o Pensamento. **Scientific American Brasil**, [201-?]. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/como_a_linguagem_modela_o_pensamento.html>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- CAMPOS, Geir. **O Que é Tradução**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense S.A., 1987.
- CHIARO, Delia. Issues in audiovisual translation. *In*: MUNDAY: The Routledge companion to translation studies. New York, 2009
- CINTAS, Jorge Díaz; SÁNCHEZ, Pablo Muñoz. Fansubs: Audiovisual Translation in an Amateur Environment. **The Journal of Specialised Translation**. University of Roehampton, Londres. Jul. 2006. Disponível em <http://jostrans.org/issue06/art_diaz_munoz.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2018.
- CORDEIRO, Samara. Gramáticas e o ensino das línguas portuguesa e autóctones no brasil colônia. **HELB: História do Ensino de Línguas no Brasil**, Brasília, ano 3, ed. 3, janeiro/junho

2009. Disponível em: <<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-3-no-3-12009/110-gramaticas-e-o-ensino-das-linguas-portuguesa-e-autoctones-no-brasil-colonia>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

CORRÊA, Angela Maria da Silva. **Erros em tradução do francês para o português: do plano linguístico ao plano discursivo**. 1991. 322 f. Tese (Doutorado) - UFRJ, Rio de Janeiro, 1991

DA PAZ, José Flávio. História da Tradução e da Interpretação. **Portal Educação**, [201-?]. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/historia-da-traducao-e-da-interpretacao/14746>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

DIAS, Ana Paula. Língua, Cultura, Aprendizagem: Contributos para uma Abordagem Intercultural ao Ensino Português Língua Estrangeira em Macau Colaboração. **SIPLE**, Lisboa, v. 5, n. 2, out. 2012. Disponível em: <http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=65&Itemid=111>. Acesso em: 10 out. 2018.

GET YOUR ASS KICKED. Reverso Context. Softissimo Inc., 2019. Disponível em: <<https://context.reverso.net/traducao/ingles-portugues/get+your+ass+kicked/>>. Acesso em: 6 jan. 2019.

GRUPO ACESUBS. **Entrevista** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <camila.borges1904@gmail.com> em 26 mar. 2018.

GRUPO CREEPYSUBS. **Entrevista** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <camila.borges1904@gmail.com> em 25 mar. 2018.

GRUPO NÃO IDENTIFICADO. **Entrevista** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <camila.borges1904@gmail.com> em 25 mar. 2018.

HARASS. Cambridge Dictionary. Cambridge University Press, 2019. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/harass>>. Acesso em: 5 jan. 2019.

HILGERT, José Gaston. A oralidade em textos escritos: reflexão à luz de uma teoria de texto. **Revista Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 9, n. 3, p.171-9, set/dez. 2011. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/viewFile/cld.2011.93.01/551>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

HURTADO ALBIR, Amparo. Clasificación y descripción de la traducción. *In*: TRADUCCIÓN y traductología. Madrid: Cátedra, 2001.

IWASSA, Hiroco Luíza Fujii. Black english: sob a perspectiva da sociolinguística e da tradução. *In: III CELLMS, IV EPGL E I EPPGL*, 2007, Mato Grosso do Sul. **Anais do III CELLMS, IV EPGL e I EPPGL** [...]. Dourados: UEMS, 2007. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/4103864-Black-english-sob-a-perspectiva-da-sociolinguistica-e-da-traducao.html>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

KNOCK YOUR LIGHTS OUT. Reverso Context. Softissimo Inc., 2019. Disponível em: <<https://context.reverso.net/traducao/ingles-portugues/knock+your+lights+out>>. Acesso em: 6 jan. 2019.

KOGLIN, Arlene. **A Tradução de metáforas geradoras de humor na série televisiva Friends**: um estudo de legendas. 2008. 98 f. Dissertação (Mestrado) - UFSC, Florianópolis, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEIBOLD, Anne. The Translation of Humor: Who Says It Can't Be Done?. **Meta**: Translators' Journal, Montreal, p.109-111, 1989.

LUNA FREIRE, Rafael de. O início da legendagem de filmes no Brasil. **Matrizes**. Universidade de São Paulo, São Paulo. V. 9, n. 1, p. 187-211, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/100680>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

MACHADO, Isadora. A reinvenção da “hipótese Sapir-Whorf”. **Línguas e instrumentos linguísticos**: Projeto História das Ideias Linguísticas no Brasil, Campinas, ed. 35, p. 29-52, janeiro/junho 2015. Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao35/artigo2.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

MARTINHO, Rui Pedro Craveiro. **Dificuldades De Tradução Inglês-Português**: Um Caso Prático. 2010. 65f. Tese (Mestrado em Tradução) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

MARTINS, Andrea. O que são Tater Tots?. Disponível em: <<https://inglesgourmet.com/2014/05/05/o-que-sao-tater-tots/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

MENDONÇA, Bruno Henrique Marques de. Fansubs, Grupos de Legendas e a Questão da Legalidade do Conteúdo Produzido pelo Consumidor. *In: XIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL*, 2012, Chapecó, SC. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação** [...]. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/5581946/Fansubs_Grupos_de_Legendas_e_a_Quest%C3%A3o_da_Legalidade_do_Conte%C3%BAdo_Produzido_pelo_Consumidor>. Acesso em: 14 mai. 2019.

MID-ATLANTIC ACCENT. Longman Dictionary of Contemporary English. Pearson, 2019. Disponível em: <<https://www.ldoceonline.com/dictionary/mid-atlantic-accent> >. Acesso em: 5 jan. 2019.

MID-ATLANTIC ACCENT. Urban Dictionary. Urban Dictionary, 1999-2019. Disponível em: <<https://www.urbandictionary.com/define.php?term=Mid-Atlantic%20accent> >. Acesso em: 5 jan. 2019.

MILLER, Gustavo. Danem-se Bastardos. **Estado de S.Paulo**, São Paulo, 25 de outubro de 2008. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,danem-se-bastardos,266483>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

PILOT. **Young Sheldon**. Nova York: CBS, 25 de setembro de 2017. Programa de TV.

REBOLLO-COUTO, L.; NUNES DA SILVA, L.; DA SILVA, C. Tradução audiovisual: estratégias pragmáticas e conversacionais americanas e europeias na legendagem das formas de tratamento nominais. **Caracol**, n. 14, p. 274-307, 21 dez. 2017.

SILVA, Renata P. A. Fansub e Scanlation: Caminhos da cultura pop japonesa de fã para a fã via web. In: XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2009, Rio de Janeiro: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. [s/n], [ca. 2009]. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/72541817/Fansub-e-Scanlation-caminhos-da-cultura-pop-japonesa-de-fa-para-a-fa-via-web>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

SINN, Jessica. Do you speak Texan?. **UT news**, Texas, 7 maio 2012. Disponível em: <https://news.utexas.edu/2012/05/07/do-you-speak-texan/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires; BASTIANETTO, Patrizia Collina. **Teorizando e contextualizando a tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 1996.

Contatos: camila.borges1904@gmail.com e mauricio.demichelli@mackenzie.br